

Irene Vaquinhas Novo (coord.), **Entre Garçonnes e Fadas do Lar. Estudos sobre as Mulheres na Sociedade Portuguesa do Século XX**, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004, 149 páginas.

Entre Garçonnes e Fadas do Lar reúne partes de três dissertações de mestrado em História Económica e Social Contemporânea apresentadas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2002 e 2003 sob a orientação da historiadora Irene Vaquinhas. Esta última refere no prefácio que «a diversidade das imagens femininas, polarizadas entre estes dois pólos aparentemente contraditórios, o da jovem rebelde e o da resignada dona-de-casa, constitui o fio condutor e a problemática central desta obra que cronologicamente se estende desde o início da década de vinte ao termo dos anos setenta», (p. 8). Depois salienta, com razão, que «as representações não estão, porém, nem fixas nem estabilizadas no tempo, antes se compõem e recompõem, num misto de inovação e de conservadorismo» (p. 8). Este livro coloca uma série de perguntas: o que haverá de verdadeiro e de artificialmente fabricado nestas imagens? Em que medida o discurso publicitário ou a propaganda política não constroem mitos para fins comerciais ou com objectivos conscientes de enquadramento social e político? Que mensagens se escondem por detrás dos discursos valorizadores do

eterno feminino, seja o da dona de casa ecónoma e eficiente, seja o da mãe coragem? Qual a sua receptividade junto do público? (p. 8)

Seguindo uma ordem cronológica, o primeiro estudo, da autoria de Gabriela Mota Marques, é dedicado à *Garçonne* em Portugal nos anos 20. Esta mulher moderna de cabelos curtos é designada por Cabelos à Joãozinho e a autora interroga-se se será «algo mais do que a Maria Rapaz ou a rapariga de aparência arrapazada» (p. 18). O modelo da *Garçonne* vem da França, com a publicação, em 1922, do romance de Victor Margueritte intitulado *La Garçonne*, que provocou um escândalo literário. Aliás, convém acrescentar que a tiragem deste livro, que tinha como protagonista uma mulher emancipada, ultrapassou 200 000 exemplares. Mesmo se o livro foi proibido em Portugal, Gabriela Mota Marques consegue retratar bem as várias etapas da sua divulgação e as reacções que suscitou. Nesta perspectiva, teria sido interessante analisar as posições das feministas portuguesas. Em França, a maioria das feministas procurava dar uma imagem respeitável do feminismo e, conseqüentemente, não aderiu a este modelo.

A autora estuda o significado do cabelo curto como sendo «um sinal de rebeldia, de irreverência, de inconformismo ou de ousadia?» (p. 18), questionando «os cânones da feminilidade e a suposta androginia da *Garçonne*, muito embora a dita virilização da mulher assumia contor-

nos difusos» (p. 18). A autora está a par das investigações realizadas no âmbito da história cultural noutros países, e sobretudo em França, citando um livro da historiadora francesa Christine Bard e um número especial da revista *Clio. histoire, femmes et sociétés*¹. Refere também um artigo da historiadora americana Mary Louise Roberts, mas poderia ter acrescentado um livro desta última². A *Garçonne* atingiu apenas uma elite constituída por mulheres abastadas das grandes cidades e «a libertação dos papéis tradicionalmente atribuídos à mulher não terá sido, nem fácil nem pacífica, para a Cabelos à Joãozinho, agravada pelo facto de a sociedade portuguesa ser conservadora e influenciada pela Igreja católica» (p. 36).

Utilizando também a imprensa como fonte, o artigo seguinte, da autoria de Maria Alice Ramalheite Pinto Guimarães, é dedicado à emblemática revista *Modas & Bordados. Vida Feminina* entre 1933 e 1955. Escolha muito bem sucedida porque é de facto «o magazine mais representativo e característico da imprensa periódica feminina em Portugal» (p. 98) naquela época. Para o

período anterior, mais precisamente entre 1912 e 1926, *Modas & Bordados* foi alvo de uma investigação da autoria de Maria Helena Vilas-Boas e Alvim publicada recentemente³. Quando Maria Alice Ramalheite Pinto Guimarães refere o papel de Maria Lamas, que foi directora da revista até 1947, convém citar, além dos artigos da investigadora Maria Antónia Fiadeiro, o livro que esta última dedicou a Maria Lamas⁴. O artigo mostra que *Modas & Bordados*, «apesar de se tratar de uma revista especializada, dirigida ao sexo feminino, não deixa, contudo, de ser generalista nos temas que aborda e nas secções que propõe» (p. 88). Tratava-se não apenas de informar as mulheres portuguesas, mas também de as formar e publicar estudos sobre as condições de vida destas últimas. Funcionou como «uma verdadeira escola de jornalismo» (p. 100), apesar do lápis azul da censura durante o salazarismo.

A ditadura salazarista é também o período estudado pelo último artigo, da autoria de Maria Eugénia Ferreira Alves de Pinho, dedicado ao Movimento Nacional Feminino (MNF) de São João da Madeira, 1963-1974. Esta organização de mulheres que

¹ Christine Bard, *Les Garçonnes. Modes et fantasmes des années folles*, Paris, Flammarion, 1998; *Clio. Histoire, femmes et sociétés* (n.º 10, de 1999), sobre «Femmes travesties: un 'mauvais' genre».

² Mary Louise Roberts, *Civilization without Sexes. Reconstructing Gender in Postwar France, 1917-1927*, Chicago, The University of Chicago Press, 1994.

³ Maria Helena Vilas-Boas e Alvim, *Do Tempo e da Moda. A moda e a Beleza Feminina através das Páginas de Um Jornal (Modas & Bordados, 1912-1926)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005.

⁴ Maria Antónia Fiadeiro, *Maria Lamas. Biografia*, Lisboa, Quetzal, 2003.

apoiava os soldados durante os treze anos da guerra colonial já foi objecto de um livro pela historiadora Sílvia Espírito Santo⁵, mas aqui a autora circunscreve o seu estudo a São João da Madeira, pois teve acesso a um arquivo particular de grande riqueza.

De um modo geral, os contributos das mulheres nas guerras foram apagados nestes acontecimentos, considerados um empreendimento masculino, tal como a mobilização dos homens nas frentes de combate. Mas convém não esquecer que «behind the lines⁶», na retaguarda — título bem escolhido do artigo —, as mulheres desempenharam vários e significativos papéis. Neste estudo trata-se de analisar o contributo de uma organização de mulheres ao serviço do regime salazarista.

O MNF teve sempre como presidente a forte personalidade de Cecília Supico Pinto. Casada com o ministro da Economia que foi também presidente da Câmara Corporativa, ela tinha 39 anos quando assumiu a presidência do MNF em Lisboa, no dia 28 de Abril de 1961, não por acaso dia do aniversário de Salazar. O ditador apoiou sempre o movimento de

várias maneiras, nomeadamente outorgando subsídios financeiros.

Os objectivos do MNF — ou segundo uma palavra frequentemente empregada pelo movimento e de cariz católica, a sua «missão» — consistiam em «promover o auxílio moral e material às forças armadas». Objectivos que eram divulgados através da sua imprensa, e, consciente do poder dos *media*, o MNF beneficiou da rádio e da televisão para divulgar a sua acção. Se o MNF ficou conhecido sobretudo através da secção das madrinhas de guerra, houve mais de vinte secções que foram formadas desde a sua criação, algumas mais activas do que outras. Em São João da Madeira, o MNF local «manteve um permanente contacto escrito com os soldados mobilizados» (p. 143). Refere ainda a autora que a sua especificidade reside numa «certa tentativa das dirigentes locais de «colocar entre parênteses» a carga ideológica do Movimento, como instrumento do regime e do seu esforço de guerra, em favor de ideias de solidariedade e de caridade cristã» (p. 143). Com o 25 de Abril de 1974, a última organização de mulheres do Estado Novo será extinta por decreto da Junta de Salvação Nacional.

Estes três artigos, que constituem «análises sectoriais» (p. 13), retomando as palavras do prefácio, são um contributo interessante para a história das mulheres do século XX e atestam a vitalidade deste campo de investigação em Portugal.

⁵ Sílvia Espírito Santo, *Adeus, até ao Teu Regresso. O Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial, 1961-1974*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003.

⁶ Expressão tomada de Margaret Randolph Higonnet, Jane Jenson, Sonya Michel, Margaret Collins Weitz (eds.), *Behind the Lines. Gender and the Two World Wars*, New Haven, Yale University Press, 1987.